

HISTORIOGRAPHICA

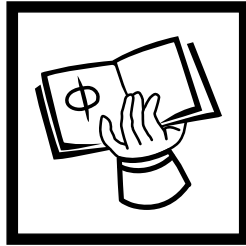
LISBON HISTORICAL STUDIES

DANIEL ESTUDANTE PROTÁSIO (ORG.)

HISTORIOGRAFIA, CULTURA E POLÍTICA
NA ÉPOCA DO VISCONDE DE SANTARÉM
(1791-1856)

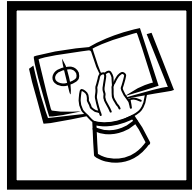


CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



HISTORIOGRAPHICA

LISBON
HISTORICAL
STUDIES



HISTORIOGRAPHICA
LISBON
HISTORICAL
STUDIES

**Historiografia, Cultura e Política
na Época do Visconde de Santarém
(1791-1856)**

Daniel Estudante Protásio (Org.)

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Lisboa

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



Direcção da colecção | Series editors
Sérgio Campos Matos e Covadonga Valdaliso

Conselho científico da colecção | Series scientific board
Fernando Catroga (Univ. de Coimbra), Ilaria Porciani (Univ. di Bologna), Javier Fernández Sebastián (Univ. del País Vasco), Luís Filipe Barreto (Univ. de Lisboa), Stefan Berger (Ruhr-Universität Bochum), Temístocles Cezar (Univ. de Rio Grande do Sul), Valdeir Araújo (Univ. Federal de Ouro Preto)

Título | Title
Historiografia, Cultura e Política na Época do Visconde de Santarém (1791-1856)

Organização | Organisation
Daniel Estudante Protásio

Editor | Editor
Daniel Estudante Protásio

Assistente de edição | Editorial assistant
Carolina Rufino

Revisão editorial | Copy-editing
André Morgado e Carolina Rufino

Revisão ortográfica | Proofreading
André Leitão, André Morgado, Carolina Rufino e Martim Aires Horta

Comissão científica deste volume | Scientific board of this publication
Andréa Lisly Gonçalves (Univ. Federal de Ouro Preto), Carmine Cassino (CH-UL), Daniel Ribeiro Alves (Univ. Nova de Lisboa), João Couvaneiro (Univ. Lisboa), Jordi Roca Vernet (Univ. Rovira i Virgili, Tarragona), José Brissos (CH-UL), Fátima Sá e Melo Ferreira (ISCTE-IUL), Maria Manuela Tavares Ribeiro (Univ. de Coimbra), Sérgio Campos Matos (Univ. de Lisboa)

Edição | Publisher
Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Patrocínio | Sponsorship
Administração do Porto de Lisboa

Concepção gráfica | Graphic design
Bruno Fernandes

Impressão Gráfica | Printing shop
Sersilto – Empresa Gráfica, Lda.

ISBN: 978-989-8068-24-8
Depósito Legal: 463937/19
Tiragem: 150 exemplares

Centro de História da Universidade de Lisboa | *Centre for History of the University of Lisbon*
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | *School of Arts and Humanities of the University of Lisbon*
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
URL: <http://www.centrodehistoria-flul.com>



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/HIS/04311/2019. This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.



ÍNDICE

- 11 DA CONVERGÊNCIA ENTRE HISTORIOGRAFIA, TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA POLÍTICA
Daniel Estudante Protásio

19 I - HISTORIOGRAFIA

- 21 *HISTORIA MAGISTRA VITAE*.
Ensaio sobre a (in)definição do *topos* nos projetos de escrita da história do Brasil no século XIX
Temístocles Cezar
- 47 JOSÉ DA SILVA LISBOA E AS NARRATIVAS DA EMANCIPAÇÃO BRASILEIRA
Valdei Araujo
- 69 O CONCEITO DE *REVOLUÇÃO* NUMA GUERRA DE IDEIAS EM PORTUGAL:
Algumas notas sobre linguagem e política (1820-1834)
Ricardo de Brito
- 97 DA NECESSIDADE DE UM *DICIONÁRIO CRÍTICO DO TEMPO DE D. MIGUEL (1828-1834)*
Armando Malheiro da Silva e Daniel Estudante Protásio

121 II - CULTURA

- 123 UMA FAMÍLIA DE PODER E CULTURA.
Em torno do *Retrato da Família do 1.º Visconde de Santarém*,
de Domingos Sequeira
Alexandra Gomes Markl
- 139 UMA DEVOÇÃO DO MIGUELISMO:
Nossa Senhora da Rocha de Carnaxide
Fátima Sá e Melo Ferreira

155 III - POLÍTICA

157 LA "PENINSULA DAS HESPAÑHAS" Y LOS LEGITIMISMOS:
La última función (1828-1840)

Juan Pan-Montojo e Andrés María Vicent

183 MODERADOS E ULTRAS NA REGÊNCIA E NO REINADO DE D. MIGUEL
(1828-1834)

Daniel Estudante Protásio

235 LOS ÚLTIMOS MESES DE FERNANDO VII A TRAVÉS DE LA
DOCUMENTACIÓN DIPLOMÁTICA PORTUGUESA

Alfonso Bullón de Mendoza y Gómez de Valugera

271 RESUMOS

ABSTRACTS

281 NOTAS BIOGRÁFICAS

286 CRÉDITOS DAS IMAGENS

DA CONVERGÊNCIA ENTRE HISTORIOGRAFIA, TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA POLÍTICA

A partir de 2020, ocorrerão, em Portugal e no mundo, as comemorações dos bicentenários do 24 Agosto de 1820 e da Vila-Francada (27 de Maio de 1823). Isto é, dos momentos inaugurais da revolução liberal e da contra-revolução portuguesas. Universidades, centros de investigação, especialistas (nacionais e internacionais) carrearão para o cenário público e para os repositórios bibliográficos as mais recentes visões e revisitações críticas desse fervilhante passado que tanto apaixonou os contemporaneistas. O colectivo nacional e global aguarda por tais eventos, certo da continuidade de um esforço científico e historiográfico desde o bicentenário da Revolução Francesa, em 1989. Entretanto, convém reflectir, de forma muito sintética, sobre um dos aspectos mais felizes desses 30 anos de trabalhos interdisciplinares e transnacionais. Em concreto, sobre os benefícios trazidos por esse esforço à historiografia, teoria da história e história política.

Não existindo – nem devendo existir – barreiras entre as ciências sociais e humanas, perfilha-se a visão de que muitas delas contribuíram para os avanços obtidos nas últimas três décadas, no que diz respeito ao estudo da história política de revoluções e contra-revoluções. A historiografia e a teoria da história, no caso português e brasileiro, têm sido enriquecidas com estudos de história política sobre personalidades, eventos e movimentos dos séculos XIX e XX. Estudos de caso, monografias, obras de síntese sobre a escrita histórica, seus contextos e figuras, estão frequentemente suplementados com enquadramentos político-ideológicos

que, tradicionalmente, não eram incluídos em textos daquela natureza. O mesmo sucede no campo da história política: o actor político é não apenas um produto da sua contextualização histórica e ideológica, mas também um produtor de memória e de historiografia. Esse constitui um dos marcos mais visíveis, implantado na berma da estrada da historiografia, teoria da história e história política, estrada essa aberta e mantida transitável desde finais dos anos 1980.

Sendo cada vez mais pacífica a ideia de que a história não é um produto de laboratório, asséptico e isolado, nem de uma Torre de Babel, surda aos acontecimentos do momento, nem estando, ainda, o historiador dotado de um cérebro de hemisférios incomunicáveis, torna-se mais facilmente enquadrável a conceptualização de um livro sobre a época dita do visconde de Santarém.

O conceito operativo de época é utilizado, no que diz respeito ao visconde de Santarém, para efeito de identificação de um período cronológico, o dos anos de 1791 a 1856, e respectiva complexidade. Não lhe pertence; antes, o visconde fez parte dela, enquanto intelectual e historiador. O seu exemplo, entre muitos, ajuda-nos a defini-la. Parafraseando a letra de uma música popular portuguesa dos anos 1990, «Quando uma época nasce, nasce selvagem/Não é de ninguém». O que não lhe retira legitimidade conceptual; como é bom de ver, trata-se de uma ferramenta operativa, não de uma verdade científica absoluta.

Época e épocas de revoluções, começando pela de 1789-1799, em França; de 1820-1821, na Europa e América Ibéricas; passando pelas internacionais de 1830 e de 1848. Época e épocas de contra-revoluções, que quase sempre se seguem às revoluções, num diálogo permanente de argumentos, conceitos, ideias e violência física. De nacionalismos e cosmopolitismos, que muitas vezes coexistem nas elites e nas vanguardas políticas e culturais. Época, ainda, de transformações científicas e tecnológicas, como as da navegação a vapor, do telégrafo eléctrico, da litografia, da fotografia. Transformações que marcaram o tempo e a humanidade, condicionando a forma de pensar a história e a política, então; e, conseqüentemente, o modo como as percebemos, enquanto comunidade global, agora.

*

Somos, sem dúvida, herdeiros da época do visconde de Santarém – tal como das épocas anteriores e das que lhe sucederam. Nela, coexistiram a busca de documentos da mais variada natureza, escritos à mão, desenhados por iluminadores ou por cartógrafos; de estruturas materiais soterradas pelo tempo ou dispersas por mão humana; de recantos inexplorados de florestas e de mares ignotos. Dessa fervilhante procura da novidade e da verdade resultaram, como é próprio da humanidade, generalizações e teorizações, fossem elas dotadas de método crítico ou mais imbuídas de espírito de divulgação e menor aparato de fontes. Públicos restritos, mas ávidos de conhecimento e de notícias frescas, consumiam obras de divulgação científica (de carácter mais popular) e tratados densos de erudição, mais restritos. Ainda hoje assim é. A cultura erudita e a cultura popular, de que tanto falou Umberto Eco, conviviam lado a lado. Os papéis de uma e de outra equivalem-se na importância, democrática, de gostos pessoais e modas culturais flutuantes.

A bibliografia do visconde de Santarém contém elementos relacionados com divulgação histórica, em artigos biográficos inseridos em enciclopédias francesas; aglutina edições volumosas de sinopses de documentos diplomáticos; extensas recolhas cartográficas e ensaios sobre a evolução do conhecimento geográfico do planeta. Muitos desses textos escritos em francês, para maior impacto internacional. No Rio de Janeiro, em Lisboa e em Paris, ele estabeleceu laços de amizade e redes de contactos intelectuais, tanto pessoais quanto institucionais. Através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), da Academia das Inscrições e Belas-Letras do Instituto de França e da Sociedade de Geografia de Paris, manteve relações com algumas figuras transnacionais da maior importância desse tempo. Alexander von Humboldt e François Guizot foram duas delas – marcantes, aliás, no seu labor geográfico e histórico. Enquanto guardador da Torre do Tombo e ministro dos Negócios Estrangeiros de D. Miguel, nas décadas de 1820 e 1830, o visconde de Santarém desempenhou um papel crucial na construção da memória histórica nacional e nas orientações políticas dos diferentes gabinetes que se sucederam de 1828 a 1834.

*

É neste contexto que o presente livro é pensado, numa confluência de historiografia, teoria da história e história política. Estrutura-se em três partes: I – Historiografia; II – Cultura; III – Política.

A abrir a primeira secção, dedicada à historiografia, um estudo de Temístocles Cezar sobre a realidade da construção do discurso historiográfico brasileiro no século XIX, ainda marcado pelo *topos* clássico da história mestra da vida. A fundação do IHGB, em 1838, constitui um momento marcante do percurso intelectual do visconde de Santarém. A partir desse acontecimento, Cezar analisa várias propostas programáticas, apresentadas ao IHGB, sobre o que deveria constituir uma história do Brasil. No quadro de duas outras datas, da vinda da corte portuguesa e da independência de 1822, Valdeci Araujo estuda a obra e o pensamento de José da Silva Lisboa (1756-1835), visconde de Cairu. Silva Lisboa, figura preponderante da economia política e da teorização do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, representa tanto a continuidade da monarquia do Antigo Regime além-Atlântico quanto a ruptura de um novo regime imperial, liberal e ilustrado. O enquadramento histórico e conceptual, realizado por Ricardo de Brito, dos acontecimentos portugueses de 1820 a 1834, traz à colação um exercício reflexivo de grande utilidade, para melhor percebermos o que une e afasta os universos discursivos de revolucionários e contra-revolucionários em Portugal. Um quarto texto, escrito em co-autoria por Armando Malheiro da Silva e Daniel Estudante Protásio, anuncia o projecto de, nos anos de 2020-2023, se editar, em Portugal, um dicionário crítico do tempo de D. Miguel. Selectivo, porém aberto; científico, contudo de acesso irrestrito, *online*. Partindo do geral para o particular, do século XIX para 1820-34, esta primeira secção une a visão global de uma época, no espaço luso-brasileiro, colhida a partir de uma instituição (IHGB) e de um pensador – o visconde de Cairu –, às matérias da conceptualização política transversal às elites políticas portuguesas e da necessidade de operacionalizar o conhecimento histórico-documental sobre um tempo concreto – o de D. Miguel, regente e rei de facto.

Na segunda secção, dedicada à cultura, são apresentados textos fundamentais para compreender a época do visconde de Santarém. O de Alexandra Gomes

Markl debruça-se sobre o célebre quadro de Domingos António de Sequeira, retratando a família do 1.º visconde de Santarém (1757-1818), família que a autora qualifica como de poder e cultura. Evoca preciosos dados sobre o pai do visconde de Santarém e os primeiros anos da aprendizagem do historiador e cartólogo. Segue-se-lhe um ensaio de Fátima Sá e Melo Ferreira, que constitui uma análise cuidada dos múltiplos significados da descoberta da imagem de Nossa Senhora da Rocha de Carnaxide. Este epifenómeno, ocorrido em 1822, vai congregar e simbolizar uma devoção, tanto religiosa quanto ideológica, ao Trono e Altar. Da história da arte à história das mentalidades, as autoras trazem contributos inestimáveis para melhor entendermos o complexo e fascinante período, cultural e político, do neoclassicismo ao pré-romantismo em Portugal.

Na terceira e última secção, dedicada à política, Juan Pan-Montojo e Andrés María Vicent procedem a uma avaliação pormenorizada do legitimismo ibérico dos anos de 1828 a 1840. Enquanto enquadramento teórico, estabelecem paralelismos entre as duas guerras civis, a portuguesa, de 1832-1834, e a espanhola, de 1833-1840. Daniel Estudante Protásio estrutura uma tipologia dos movimentos ideológicos dentro do miguelismo no poder, tanto no caso de elites quanto dos vários governos existentes sob D. Miguel. Por fim, o consagrado especialista Alfonso Bullón de Mendoza y Gómez de Valugera, por seu lado, interpreta os tempos finais do reinado de Fernando VII à luz da documentação diplomática que localizou e interpretou no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Estes três estudos procuram levar mais longe o conhecimento actual sobre a época do visconde de Santarém, no que diz respeito à política e diplomacia, assim como demonstrar a necessidade epistemológica de uma aliança que unifique análise teórica e interpretação documental da contra-revolução, em Portugal e em Espanha. Estes exercícios intelectuais, mutuamente fortalecedores, permitem uma visão integrada de uma área temática ainda dispersa, nos estados de arte e nas conclusões operativas alcançados pela bibliografia produzida desde 1989.

*

Deste modo, e a seu modo, o presente volume sucede ao inicialmente publicado, em 2017, nesta colecção, *Historiographica – Lisbon Historical Studies*. Sob o título *Historiografia e Res Publica*, com organização de Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João.

Historiografia, Cultura e Política na Época do Visconde de Santarém (1791-1856) constitui o primeiro volume colectivo dedicado às temáticas da historiografia, teoria da história e histórica política em relação com aquele historiador português. Conta com valiosos contributos de autores brasileiros, espanhóis e portugueses. Pela primeira vez na história da cultura nacional, uma instituição – a Universidade de Lisboa – e uma unidade de I&D – o respectivo Centro de História – acolhem e prosseguem os esforços que uma miríade de escritores, desde 1903, desenvolve, individualmente, no sentido de que a memória e o legado do visconde de Santarém não sejam esquecidos. Não é por acaso que tal sucede no âmbito dos 60 anos da fundação do Centro de História da Universidade de Lisboa (1958-2018), produtor de uma já longa tradição de estudos sobre a história, a memória e a historiografia.

Daniel Estudante Protásio,

Abril de 2019

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Capa

Detalhe da representação da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Almada Negreiros, 1961. Pórtico da entrada da Faculdade de Letras. Arte parietal, gravuras incisas coloridas sobre parede revestida a cantaria de calcário, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fotografia de Armando Norte.

Frontispício

2.º Visconde de Santarém (M.M. inv. n.º 05273), por Pedro Cruz. Propriedade do Museu de Marinha. Direitos de imagem adquiridos por Daniel Estudante Protásio e cedidos para a presente edição.

Contracapa

2.º Visconde de Santarém em 1821, retratado por Bouchardy. Imagem reproduzida em litografia de J. Vilas Boas na obra de Pedro António José dos Santos, *Retratos dos Homens Ilustres, que por Ciência, Política e Artes Sobressaíram em Portugal durante o Século XIX*. Lisboa, 1846. Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Nacional Digital.

Imagens no interior

Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA): inv.º 1223 Pint., inv.º 1256. Des., inv.º 2268 Des. Reprodução autorizada pelo Arquivo de Documentação Fotográfica/Direcção-Geral do Património Cultural, por cedência de direitos de Alexandra Gomes Markl para a presente edição (pp. 134-135).



*Bencherdy intateu
em Paris em 1847.*

Off. de Santos.

*J. de Bress Lithographe
em Lisboa 1846.*

Visconde de Santarém

**Manuel Francisco de Barros e Souza de Mesquita Macedo Leitão
Carvalhosa, Visconde de Santarém** nasceu em Lisboa 18 de Novembro de 1791. Alcaide mór de Santarém Commendador das Ordens de S. Thiago e Torre e Espada Grão Cruz da Ordem de Carlos 3º de Hespanha, Guarda Mor da Torre do Tombo, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e do Instituto de França, e de muitas outras Sociedades Scientificas e Literarias. Author do Quadro Elementar das relações Diplomaticas de Portugal, e de importantes memorias Geographicas e Archeologicas &

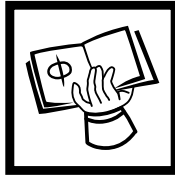
HISTORIOGRAFIA, CULTURA E POLÍTICA NA ÉPOCA DO VISCONDE DE SANTARÉM (1791-1856)

A historiografia portuguesa foi, no dealbar da Época das Revoluções, marcada por práticas culturais e políticas diversas. Entre as lutas revolucionárias e contra-revolucionárias, o erudito e o cronista coexistiam com o historiador amador. O qual reivindicava, tal como os políticos, filósofos e poetas, o papel de religar o passado e o presente, para entender os acontecimentos disruptivos do tempo e antever o futuro das sociedades e da humanidade. O exercício de papéis multifuncionais tornava dúbias, nos indivíduos, as fronteiras entre súbditos e cidadãos, particulares e estadistas, na emissão de opiniões e na tentativa de influenciar os rumos da história. A conjugação de historiografia, cultura e política abre novas e desafiantes visões acerca de uma época plena de ensinamentos para o século XXI.

Pretende-se debater diferentes estados da arte na historiografia luso-brasileira, da história dos conceitos e do dicionarismo crítico. Estabelecer um diálogo crítico a propósito do discurso historiográfico do século XIX, da pluralidade dos significados da sua linguagem impressa e da necessidade de cooperação, aberta e constante, entre os estudiosos dos anos de 1828 a 1834. Analisar fenómenos específicos da arte e da religião, para entender como a cultura expressava o que elites e massas populares desejavam fazer perdurar como memória. Destacar vários instrumentos de conhecimento reflexivo, como as análises da construção dos Estados nacionais (em plena efervescência ibérica dos ideais legitimistas), a afinação tipológica de agrupamentos ideológicos miguelistas e a utilização sistemática das fontes diplomáticas manuscritas, para entender as lutas dinásticas ibéricas.

Em suma, procura-se pôr à disposição da comunidade científica e do público informações de considerável utilidade, num esforço de elucidação da história política, social e mental daquele tempo.

A colecção *Historiographica* dá a conhecer estudos sobre historiografias e historiadores, a construção de memórias sociais e individuais e usos instrumentais do passado – a sempre complexa relação entre presente, passado e futuro, nas suas relações contextuais com problemas sociais e políticos. Abrange múltiplos tempos e geografias e incentiva a aproximação entre diversas ciências sociais e humanas.



HISTORIOGRAPHICA
LISBON
HISTORICAL
STUDIES

Direcção de
Sérgio Campos Matos & Covadonga Valdaliso

HISTORIOGRAFIA E *RES PUBLICA*

Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João (Orgs.)

2017

HISTORIOGRAFIA, CULTURA E POLÍTICA
NA ÉPOCA DO VISCONDE DE SANTARÉM (1791-1856)

Daniel Estudante Protásio (Org.)

2019

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
